



## **DESCREVER O *BULLYING* NA ESCOLA: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal<sup>1</sup>**

*Describe the bullying at school: study of a group of schools in the interior of Portugal*

**Beatriz Pereira<sup>[a]</sup>, Marta Iossi Silva<sup>[b]</sup>, Berta Nunes<sup>[c]</sup>**

<sup>[a]</sup>Professora associada com agregação e investigadora da Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga - Portugal, e-mail: beatriz@iec.uminho.pt

<sup>[b]</sup>Pós-Doutoranda no Instituto de Estudos da Criança/IEC, Universidade do Minho, Portugal, Bolsista CAPES/Processo n. 0841080, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, SP - Brasil, e-mail: maiossi@eerp.usp.br

<sup>[c]</sup>Sub-Região de Saúde de Bragança, Bragança - Portugal, e-mail:ertanunes@mail.telepac.pt

---

### **Resumo**

O *bullying* define-se como o comportamento agressivo entre pares, intencional e continuado. O *bullying* na escola registra-se em diferentes tipos tais como o físico, verbal e indirecto e em diferentes espaços. O objectivo desta investigação foi diagnosticar o *bullying* na escola e caracterizar as crianças vítimas quanto à prevalência,

---

<sup>1</sup> Neste artigo, escrito em português de Portugal, foram preservadas as grafias e normas do país de origem.

formas e locais de ocorrência do *bullying*. Também pretendemos, com base nos resultados e no conhecimento sobre programas de intervenção implementados, descrever um plano a ser levado a cabo pelo agrupamento em estudo. Foi aplicado um questionário adaptado de Olweus num agrupamento de escolas do Nordeste Transmontano, no interior de Portugal. As conclusões apontaram para a disseminação do *bullying*, cerca de uma em cada quatro crianças foi vítima de agressão pelos pares três ou mais vezes, na escola; verifica-se que existe grande diversidade de tipos de *bullying* sendo os mais difundidos o recurso ao insulto seguido da agressão física. Quanto aos locais, o recreio foi o espaço mais mencionado apesar de ser um espaço muito valorizado pelas crianças. Os valores percentuais registados recomendam a intervenção que descrevemos de forma sumária.

**Palavras-chave:** Instituições académicas. Criança. Violência. Agressão.

### ***Abstract***

*Bullying can be defined as continuous and intentional aggressive behavior among peers. It occurs in different places at school and can be physical, verbal and indirect. The main goal of our study was to describe bullying at school concerning its prevalence, types and places where it occurs and to develop an action program that seeks to solve and prevent it. We used a questionnaire adapted from Olweus to collect data from a Northeast region of Portugal. Results show that bullying is widespread at school: one in every four children was a victim for three or more times; there are many types of bullying but there is mainly insult and physical aggression; bullying takes place mainly at playground although children say they appreciate this place. These results ask for an action plan we succinctly describe.*

**Keywords:** Schools. Child. Violence. Aggression.

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade algumas questões se fazem presente de forma particular no tocante à vulnerabilidade e protecção de crianças e jovens nas diferentes sociedades.

Apesar das mudanças verificadas no âmbito legal com o reconhecimento cada vez mais ampliado dos direitos da criança e dos jovens, temos como contraponto a potencialização da problemática destas populações em situação de vulnerabilidade social e pessoal, nos centros urbanos, nas instituições, a exemplo da escola no que concerne a violência.

Histórias de vida se cruzam e se apresentam no dia-a-dia do contexto escolar, envolvendo fatos e perspectivas de violências, exigindo de todos nós um posicionamento e uma atitude pró-activa na direcção de superar esta problemática.

Factos como este podem ocorrer diariamente na escola sem serem percebidos:

A Joana de 14 anos recusou-se a ir à escola, acabou mesmo por faltar durante um longo período. Era uma boa aluna e gostava de estudar. Chegar à entrada da escola passou a ser um pesadelo. O medo impedia-a de entrar. Esta jovem foi acompanhada pela primeira autora, uma vez que a mãe procurou ajuda para a filha, que estava em grande sofrimento. Foi também acompanhada por técnicos de saúde, nomeadamente pelo psiquiatra. Estas situações não são de solução fácil e, perante a dificuldade da jovem em reagir à situação, foi necessário mudá-la de escola para que retomasse as aulas, depois de uma paragem prolongada. Esta jovem tinha o suporte dos pais e dos avós, que sempre a apoiaram, ainda que com grande esforço pessoal, o qual se traduziu na mudança de algumas rotinas, na sequência da mudança da escola para outra cidade.

Os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais (BRASIL, 2006; MINAYO, 2005).

A violência a que crianças e jovens estão sujeitos na sociedade, e em particular na escola, não pode ser descontextualizada da violência percebida no meio familiar e social. A criança socializa-se na família e fora desta, ou seja, desde muito cedo com suas relações interpessoais, na creche, na escola, nas brincadeiras, nos contactos informais com pessoas e factos.

Assim, de um lado, esse processo ocorre na convivência directa na família, na escola, no grupo de pares, nas igrejas e em outras instâncias. De outro lado, a acção socializadora realiza-se de modo indirecto pela mediação

simbólica de agentes de diferentes instituições que disseminam valores, normas e modelos culturais. Neste sentido, a família e as instituições devem estar atentas à qualidade de relações que as crianças estabelecem entre si, as quais podem ser potencializadoras de competências e habilidades sociais positivas ou agregantes de comportamentos inadequados e destrutivos a exemplo dos comportamentos violentos e indisciplinantes.

Na escola, essas relações podem ainda assumir formas específicas, a exemplo do *bullying* entre pares. Este fenómeno é identificado em termos nacionais e internacionais como *bullying*. O *bullying* é o abuso sistemático do poder. É uma forma de comportamento agressivo, entre pares, usualmente maldosa, deliberada e persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (PEREIRA, 2001; SMITH; SHARP, 1994).

O *bullying* tem efeitos negativos sobre as próprias crianças (vítimas e agressores) e sobre as crianças que observam estas práticas (observadores passivos). Estas se sentem muitas vezes incapazes de ajudar, o que provoca um sentimento de incapacidade e mal-estar, gerando sofrimento a estes observadores passivos.

A necessidade de se estudar este fenómeno dentro da escola, se reforça nas consideráveis evidências que a contínua ou severa exposição ao *bullying* pode contribuir para problemas comportamentais e emocionais. A ocorrência de *bullying* na vida de crianças e jovens contribui para o desenvolvimento de problemas físicos e emocionais, destacando-se o stress, o risco de diminuir ou perder sua autoestima, desenvolver ansiedade e depressão, se sentirem infelizes, e até mesmo em casos mais severos desenvolverem a ideia de suicídio. (BOND et al., 2001; JANKAUSKIENE et al., 2008; OLIVEIRA; ANTONIO, 2006; SMITH; SHARP, 1994).

Ao analisamos estudos nacionais e internacionais sobre o assunto verifica-se que é nos anos iniciais do 1º ciclo que se dá a maior incidência e prevalência das ocorrências de *bullying* o qual decresce com os anos escolares mais adiantados, ocorrendo sobretudo nos recreios escolares (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 1997, 2008). Quanto ao sexo os meninos vitimizam mais que as meninas e utilizam mais agressão física, com confronto físico e verbal e comportamentos agressivos assumidos, sendo que as meninas quando agressoras usam mais de agressão indirecta a exemplo de fofocas, excluir outros do grupo, espalhar rumores e histórias humilhantes (JANKAUSKIENE et al., 2008; NANSEL et al., 2001; OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008).

Os agressores não apresentam, um único perfil, uns são violentos, abusam do poder sobre os pares pela força enquanto que outros são manipuladores, sedutores até atingirem os seus objectivos. Por isso quando se fala no perfil normalmente parece estar associado a um sujeito com força física, encorpado e muitas vezes quando nos confrontamos com as crianças verificamos que aparentam ser frágeis e pequenas mesmo relativamente aos seus pares. Outros ainda há que são pessoas muito agradáveis parecem preocupadas com os outros atenciosas e são esses que manipulam os seus pares para atingirem os seus objectivos como por exemplo extorquir dinheiro dos colegas não furtando (de forma invisível) ou roubando (com recurso à força) mas pedindo dinheiro a troco de atenção da sua amizade.

Ainda neste sentido, o insucesso escolar parece estar associado ao aumento percentual de crianças envolvidas com *bullying* sejam enquanto agressoras ou vítimas (PEREIRA et al., 2004; PEREIRA, 2008).

Este problema, não sendo novo, tende a tomar maiores proporções se não houver consciência que o *bullying* existe e que devem ser tomadas medidas para reduzi-lo. Estas medidas devem ter sobretudo um carácter preventivo.

O objectivo deste estudo foi proceder ao diagnóstico das questões de agressão/vitimação entre pares no agrupamento de escolas do Concelho de Bragança com vista a definir um programa de intervenção.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório de delineamento transversal a partir de uma amostra de conveniência, o qual permitiu fazer um estudo de associação entre diferentes atributos, não sendo possível realizar inferências causais.

O estudo foi realizado no Concelho de Bragança, na Região do Nordeste Transmontano que conta com amostra de 387 alunos, de sete escolas do Ensino Básico do 2<sup>o</sup> ao 6<sup>o</sup> ano de escolaridade. As idades estão compreendidas entre os 7 e os 14 anos com 88,1% da amostra concentrada nos 8 aos 12 anos. A amostra para o género é constituída por 195 meninas (50,9%) e meninos 188 (49,1%). A coleta dos dados foi realizada em Junho de 2008, através de um questionário adaptado de Olweus (1989) por Pereira e Tomás e revisto por Pereira, 2007. Os dados coletados foram submetidos a processamento electrónico, usando-se o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para análise.

## Apresentação e discussão dos resultados

Relativamente ao processo de vitimização, 5 crianças (1,3%) não responderam, já 204 (52,7%) nunca foram vítimas. Referiram ter sofrido vitimização pelo menos 1 ou 2 vezes, 88 crianças (22,7%), e 90 crianças (24,2%) foram vítimas 3 ou mais vezes, ou seja, as que consideramos, de acordo com a revisão da literatura, vítimas do *bullying*.

Analisando o tipo de vitimização sofrida pelos sujeitos deste estudo, verificamos que dos 387 respondentes, 14 não responderam as estas questões. Cento e seis, ou seja 27,4% foram vítimas de agressão física (bateram-lhes, deram-lhes murros e pontapés), 76 (19,6%) foram vítimas de furtos (ficaram sem os seus pertences).

A forma mais frequente de vitimização é o insulto, uma em cada 4 crianças foi vítima de insultos, seguida da agressão física em que uma em cada 5 sofreu este tipo de agressão.

Em relação às agressões que apresentam menor frequência, mas que pelas suas características podem ser de grande gravidade, encontramos os insultos ligados as questões de cor e etnia e não dar possibilidade de integração à criança no grupo, ignorando-a de forma que fique completamente isolada. Quanto ao recurso à internet e telemóvel para difundir mensagens ou imagens com o objectivo de denegrir a imagem do outro, foram casos pontuais ainda que este tipo de agressão seja um novo recurso utilizado pelos agressores e poderá ser utilizada como “arma de longo alcance” pela gravidade do impacto, não está muito divulgada, tendo atingido a menor percentagem (1%).

Relativamente a outras formas de vitimização e de acordo com as próprias crianças, registaram-se diversos episódios: “foi agarrada por dois rapazes e levada com eles pela força e depois ajudada pelos seus amigos”, esta é uma situação de assédio sexual que ocorre nas escolas e em crianças de idades baixas. Pela descrição realizada não foi possível perceber se este episódio se passou dentro ou nas imediações da escola.

Outras formas de agressão referidas pelas crianças vítimas são tipos diversificados de agressões físicas: “foi acusada de ter batido nos colegas, empurraram-na, deram-lhe um estalo, puxaram-lhe o cabelo muito forte, atiraram-lhe uma pasta à cabeça, atiraram-lhe com pedras.”

Algumas crianças ainda referiram “ter sido gozadas” e “agredidas psicologicamente”, esta forma de abuso de poder afecta profundamente a imagem da criança e a sua autoestima.

Por último, trazemos as palavras da criança que disse “Obrigaram-me a fazer coisas que eu não queria” demonstrando que

muitas vezes elas são apanhadas pelos adultos em actos ilícitos, como por exemplo a roubar, mas estão a ser pressionadas por outros. Este é mais um dos elementos que dificulta a compreensão do fenómeno do *bullying* pois, o agressor é o mandatário mas está em local seguro e por isso difícil de ser implicado no acto, enquanto a criança que estava a ser vítima dos seus pares vai agora ver-se envolvida no episódio como desencadeante e actuante daquela prática e não como vítima da situação.

Quando as crianças foram questionadas sobre os locais de ocorrência dos episódios de vitimização verificamos que dos 387 alunos estudados 20 (5,2%) não responderam, 178 (46%) afirmaram que tinham sido vítimas enquanto os 189 (48,8%) afirmaram que não tinham sido vítimas. Esta percentagem de vítimas, que parece ser muito elevada, confirma os valores encontrados na primeira questão, quando questionamos as crianças sobre se tinham sido vítimas, desde que para o efeito consideremos todas as crianças que afirmaram ter sido vítimas uma ou mais vezes no período.

Os locais onde o *bullying* ocorre com mais frequência são os recreios escolares seguido dos corredores, as escadas e a sala de aula, o que confirma os resultados encontrados em estudos anteriores por Pereira (1997, 2008) e Pereira et al. (1996, 2004). Quanto aos outros locais, foram mencionados espaços tais como fora da escola, átrio, junto de uma piscina e na biblioteca.

Apesar de o *bullying* ser mais frequente nos recreios escolares, as crianças do 2º ao 6º ano de escolaridade gostam ou adoram os recreios (83%), apenas 1% afirmou não gostar nada, 1,6% não gostar e 12,4% gostam mais ou menos. Verifica-se que as crianças que foram vítimas com regularidade (3 ou mais vezes) representam maiores percentagens de crianças que não gostam dos recreios ou gostam pouco (não gosto nada, não gosto e gosto assim-assim) do que aquelas que nunca foram vítimas.

A idade, contudo, parece ser um factor concorrente para o gosto/satisfação dos alunos pelos recreios escolares. Quando comparamos as crianças do 2º ao 4º ano de escolaridade, com idades de referência 7-10 anos, com as crianças do 5º e 6º anos (10-12 anos) verificamos que a satisfação revelada é superior nos alunos de idades mais baixas: 88,6% (n=186) dos alunos do 2º ao 4º ano gostam ou adoram o recreio, contra 80% (n=136) dos alunos do 5º e 6º anos. A percentagem de crianças que afirmam adorar o recreio diminui com o aumento da escolaridade, dos 79,4% (n=54) no 2º ano até aos 37,1% (n=39) no 6º ano.

Dando voz às crianças que se identificaram como vítimas, vamos descrever os agressores quanto à idade e ao género.



Analisando a idade das crianças agressoras verificamos que são, sobretudo, os mais velhos seguidos pelos que são da mesma idade responsáveis por *bullying* na escola, no seu conjunto representam 41,4%. Sendo de registar que 46,3% nunca foram vítimas. Cerca de 10% foram vítimas de crianças mais novas ou mais novas e mais velhas.

São, sobretudo os rapazes que agredem individualmente ou em grupo (30%), quando ainda algumas raparigas se juntam ao grupo este valor sobe para 41,6%. Registamos que 49,6 afirmaram não ter sido vítimas.

Relativamente à questão, “quantas vezes ficaste só porque os meninos não queriam brincar contigo?”, dos 387 alunos, 237 (61,2%) afirmaram não ter ficado sós, não tendo respondido 1,3% e 94 (24,3%) disseram ter ficado sós uma ou duas vezes naquele período e os restantes, 13,2%, ficaram só 3 ou mais vezes. É de salientar que o período em que foi feita a recolha dos dados foi o 3º trimestre escolar. Os períodos escolares, para o ensino básico em Portugal, estão organizados em três períodos com cerca de três meses cada um e, aquele em que foram colhidos os dados foi o último do ano lectivo que corresponde ao mês de Junho. Ao longo do ano lectivo as crianças deveriam ter estabelecido laços de amizade e regras de convivência cordial com os seus pares. Se este facto já era observado em estudos anteriores com recurso ao mesmo instrumento (PEREIRA, 1997; PEREIRA et al., 2004), verificamos que estamos perante um fenómeno em expansão que merece grande atenção dos investigadores, professores e órgãos de direcção das escolas.

Neste sentido, entendemos que para impedirmos a (re)produção do *bullying* no contexto escolar, as iniciativas sociopolíticas na área devem buscar responder aos desafios de tornar este fenómeno mais visível, compreender melhor o processo de sua produção, formar profissionais competentes e socialmente comprometidos no seu enfrentamento.

O que é que poderá ser feito para prevenir e reduzir esta situação? Propomos dois níveis de soluções.

### **A longo prazo**

- inclusão desta temática na formação académica de profissionais de diferentes áreas a exemplo da educação, saúde, assistência social, judiciário, segurança pública;
- melhoramento na arquitectura e qualificação dos recreios exteriores.



### A curto e médio prazo

- tratar desta questão o mais cedo possível junto ao contexto educacional e comunitário, uma vez que devemos falar em prevenção de *bullying* desde o jardim-de-infância;
- projecto educativo e regulamento disciplinar;
- sensibilização e formação dos docentes, funcionários, pais ou encarregados de educação;
- melhoramento dos recreios;
- oferta de desporto escolar e outras actividades de ocupação de tempos livre;
- oferta de actividades nas paragens lectivas;
- sensibilização/formação de médicos pediatras, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais identificados como fundamentais para um trabalho interdisciplinar e intersectorial;
- formação de docentes, auxiliares de acção educativa e pais;
- sensibilização dos alunos para este problema e criação de um clima não favorável à ocorrência destas situações.

As medidas a longo prazo assentam na formação inicial dos futuros profissionais: educadores de infância, professores do 1º, 2º e 3º ciclos e ensino secundário, profissionais da saúde, assistência social, segurança pública, judiciário. Parece existir alguma dificuldade dos profissionais das diversas áreas em lidar com os comportamentos de indisciplina e violência dos alunos, por esta ser uma lacuna na sua formação inicial.

O efeito desta medida não é imediato, mas será certamente duradouro. Teorias explicativas da agressividade e disciplinas específicas como fim em si mesmas não apresentam a eficácia que a abordagem desta temática pode ter, integrada em determinadas disciplinas curriculares do curso.

A arquitectura das escolas, e em particular dos recreios exteriores, deve ser repensada.

As medidas a curto e médio prazo passam pelo projecto educativo da escola, onde devem estar definidas as políticas globais de forma simples e clara, de modo a envolver toda a comunidade educativa.

Para prevenir o *bullying* na escola é fundamental sensibilizar e fazer formação dos conselhos executivos e directores de escola, directores de turma, docentes em geral, funcionários e pais ou encarregados de educação. É necessário promover a formação através de acções contínuas.

A complementaridade desta formação deve ser incentivada através da partilha de boas práticas entre colegas. A procura de soluções que melhorem a comunicação entre os docentes é mais um passo.

Quanto ao melhoramento dos recreios, apontamos que esforços devam ser empreendidos, no sentido de diversificar a oferta dos espaços de recreio através da reorganização de diferentes áreas e equipá-las para o efeito; possibilitar a acessibilidade a equipamentos móveis que facilitem o jogo e efectivar a supervisão dos espaços de recreio. O acesso a equipamentos móveis de jogo e à supervisão são factores que parecem estar associados à redução dos comportamentos de agressão/vitimação.

Oferta de desporto escolar e outras actividades de ocupação de tempos livres também se constituem em actividades potenciais para a prevenção e redução da ocorrência de *bullying* na escola, além de contribuir na formação e desenvolvimento das crianças e jovens. A escola organizada por turmas dá uma oportunidade aos alunos de se organizarem por centros de interesse, mantendo os alunos activos em torno de um objectivo.

Outro ponto fundamental a ser repensado e reestruturado é a oferta de actividades nos tempos de paragem lectiva. Quando as escolas interrompem as aulas, seria de esperar que as mesmas se organizassem para oferecer algumas actividades. Esta oferta destina-se a criar centros de interesse, espaços e actividades aos alunos, especialmente aqueles que irão ficar em casa sós, na rua ou nos cafés sem terem nada que fazer. Este tempo de ócio é usado para iniciação ao tabaco, álcool.

## CONCLUSÕES

Apesar de hoje, quando tratamos das questões do *bullying* concentramos muitas das nossas preocupações no *bullying* com recurso à internet, designado por *ciberbullying* somos de parecer que a atenção deva ser direccionada muito mais para as crianças que são votadas ao isolamento pelos seus pares, pois parece ser um fenómeno que tende a agravar-se. Poderá ser explicado por um conjunto de factores associados, entre eles destacamos o clima que se cria na escola, pouco favorável à cooperação. A educação da criança na família está muito centrada na competitividade e na vitória a qualquer preço e não está a ser direccionada para a aquisição de competências graduais, de acordo com a idade e adquiridas pela cooperação e solidariedade. E a escola, em vez de corrigir este enviesamento vai reforçá-lo de inúmeras formas contribuindo para o clima de indiferença que se está a observar.

Assim, áreas como da saúde, educação e assistência social, enquanto práticas sociais, devem estabelecer no seu processo de trabalho a dimensão cuidadora na perspectiva da promoção à qualidade de vida individual e coletiva. Este processo deve ainda responder a uma dimensão plural de necessidades e demandas que encontra na prática interdisciplinar um espaço privilegiado para a construção de um modelo de atenção e intervenção intersectorial, articulado e equânime que possa amplificar um trabalho efetivo e coeso ante o *bullying*

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Directivo, docentes e alunos do Agrupamento Augusto Moreno e aos profissionais de saúde da área de abrangência do Agrupamento pela sua disponibilidade na recolha da informação e discussão de propostas de intervenção

## REFERÊNCIAS

- BOND, L. et al. Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. **British Medical Journal**, London, v. 323, n. 73311, p. 480-484, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Textos Básicos de Saúde).
- JANKAUSKIENE, R. et al. **Associations between school bullying and psychosocial factors**. **Social Behavior and Personality**, New Zealand, v. 36, n. 2, p. 145-162, 2008.
- MINAYO, M. C. S. Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida. **Salud Colectiva**, La Plata, v. 1, n. 1, p. 69-78, 2005.
- NANSEL T. R. et al. Bullying behavior among US youth: prevalence and association with psychosocial adjustment. **Journal of American Medical Association**, Chicago, v. 285, n. 16, Apr. 25, p. 2094-2100, 2001.
- OLIVEIRA, A. S.; ANTONIO, P. S. **Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto**. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**., Goiás, v. 8, n. 1, p. 30-41, 2006. Disponível em: <[http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_1/original\\_04.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_04.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2008.

OLWEUS, D. Prevalence and incidence in the study of anti-social behavior: definitions and measurement. In: KLEIN, M. (Ed.). **Cross-national research in self-reported crime and delinquency**. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1989. p. 187-201.

\_\_\_\_\_. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Cambridge, 1993.

PEREIRA, B. **O estudo e prevenção do bullying no contexto escolar**: os recreios e as práticas agressivas da criança. 1997. 506 f. Dissertação (Doutoramento em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, Braga, 1997.

PEREIRA, B. O. et al. O bullying nas escolas portuguesas. Análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema. In: ALMEIDA, L.; SILVÉRIO, J.; ARAÚJO, S. (Org.). **Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho, 1996. p. 71-81.

\_\_\_\_\_. A violência na escola: formas de prevenção. In: PEREIRA, B.; PINTO, A. P. (Coord.). **A escola e a criança em risco: intervir para prevenir**. Porto: Edições Asa, 2001. p. 17-30.

\_\_\_\_\_. O bullying na escola e as políticas educativas. In: BEHRENS, M. A.; ENS, R.; VOSGERAU, D. (Org.). **Discutindo a educação na dimensão da práxis**. Curitiba: Champagnat, 2007. p. 203-218.

PEREIRA, B. et al. Bullying in portuguese schools. **School Psychology International**, London, v. 25, n. 2, p. 207-222, 2004.

PEREIRA, B. O. P. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

SMITH, P.; SHARP, S. **Scholl bullying: insights and perspectives**. New York: Routledge, 1994.

Recebido: 02/03/2009

*Received:* 03/02/2009

Aprovado: 22/03/2009

*Approved:* 03/22/2009

Revisado: 16/09/2009

*Reviewed:* 09/16/2009